

Beijar O espaço litúrgico da ternura

Dom Jerônimo Pereira, osb¹

O beijo é o contato labial afetuoso que faz parte do simbolismo universal do amor, da ternura e da adoração. O beijo imprime na celebração litúrgica uma nota afetiva de delicadeza e de paixão que imediatamente transporta à dimensão da carne e da sensibilidade todo o tesouro da tradição eclesial que diz respeito à metáfora erótica e nupcial. A liturgia não poderia não acolher esse sinal profundamente humano².

O beijo como rito, com exceção do beijo da paz, não se encontra nos Padres³. Apesar do desenvolvimento progressivo de ascetismo, o beijo é um gesto importante na práxis e na mística da Igreja antiga, especialmente o beijo cultural. Porque no beijo *plena caritatis fidelis exprimitur affectus* e é então considerado *pietatis et Caritatis... signum*, goza também de alta estima porque se nutre destes valores supremos⁴.

*Non omnes quidem Patres Apostolici de osculo mentionem faciunt*⁵, ele é lembrado pela primeira vez no âmbito litúrgico oriental por Justino († 165) no contexto da iniciação cristã. Entre aqueles que se chamavam irmãos⁶, como símbolo de reconhecimento entre os membros da Igreja⁷, o beijo da paz era trocado depois da oração comum, que mais tarde se transformará em “oração da assembleia”, mais tarde transferido da liturgia da palavra à liturgia eucarística, precedendo a oração eucarística⁸. Também evidenciado por Hipólito⁹ e Orígenes¹⁰, e, de igual modo, em muitas liturgias das Igrejas Orientais¹¹. Trocado na celebração eucarística somente entre os batizados depois da despedida dos catecúmenos, é designado por Tertuliano († d. 220) como *signaculum orationis*, ao qual ninguém deve furtar-se nem mesmo nos dias de jejum, exceto nos dias do jejum pascal¹². Agostino o denominava *osculum columbarum*¹³, e *magnum sacramentum*¹⁴.

No Ocidente o beijo da paz, citado pela primeira vez pelo papa Inocêncio I, numa carta datada do dia 19 de março de 416, endereçada a Decêncio, Bispo de Gúbio, onde originalmente parece se colocar depois das orações introdutórias e antes do ofertório, é

¹ O texto corresponde a um extrato ajustado do capítulo IV da tese de doutorado do autor: cf. *J. Pereira Silva, Quod ore sumpsimus, Domine, pura mente capiamus: a sacramentalidade do aparato bucal na celebração dos sacramentos da iniciação cristã*, CLV-Ed. Liturgiche, Roma 2017.

² S. SIRBONI, «Tatto, gusto e olfatto nella liturgia», *RPL* 288 (2011) 6.

³ Cf. R. RONZANI, «*Oscula columbarum*. Il simbolismo del bacio fraterno in età patristica», *RL* 101 (2014) 721-736.

⁴ AMBROSIIUS MEDIOLANENSIS, *I sei giorni della creazione*, VI,9,68, ed. G. Banterle, Biblioteca Ambrosiana – Città Nuova, Milano – Roma 1979,

⁵ Cf. ACTA ACADEMIAE LITURGICAE ROMANAE, «De osculo pacis», *EL* 36 (1922) 54.

⁶ A. G. HAMMAN, *La vida cotidiana de los primeros cristianos*, Palabra, Madrid 1994⁵, 222.

⁷ Cfr.: TERTULIANUS, *Ad Martyras*, I, 6, ed. E. Dekkers (CCL 1), Brepols, Turnholti 1954, 3.

⁸ IUSTINUS MARTYR, *Apologia pour les chrétiens* I, 65, 1-3, ed. Ch. Munier, Cerf, Paris 2006, 302.

⁹ Cf. HIPPOLYTUS ROMANUS, *La Tradition Apostolique*, 4, ed. B. Botte (SCH 11bis) Cerf, Paris 1986², 47.

¹⁰ Cf. ORIGENE, *Commentaire sur le Cantique des cantiques*, I, 1, 12-15, ed. L. Brésard – H. Crouzel (SCH 375), Cerf, Paris 1991, 184-185.

¹¹ Um estudo completo em R. C. GASCÓ, *Beso humano y ósculo cristiano. Dimensiones histórico-teológicas del beso litúrgico*, Edicep, Valencia 2003, 537-584.

¹² TERTULIANUS, *De Oratione*, 18, 1-7, ed. G. F. Diercks (CCL 1) Brepols, Turnholti 1954, 267; *Opere Catechetice*, 132-135.

¹³ AUGUSTINUS HIPONENSIS, *In Iohannis Evangelium*, VI, 4, ed. R. Willwems (CCL 36), Brepols, Turnholti 1954, 55.

¹⁴ AUGUSTINUS HIPONENSIS, *Sermons pour la Pâque*, 227, ed. S. Poque (SCH 116bis) Cerf, Paris 2003², 240.

transferido pelo papa Gregório Magno¹⁵, em correspondência ao desenvolvimento da teoria do sacrifício, mas também em consideração do quanto se afirma em Mt 5,23, para imediatamente depois da consagração e antes da comunhão¹⁶. Progressivamente a denominação deste gesto se reduz, tanto no Ocidente quanto no Oriente, a ser chamado simplesmente o “beijo da paz”¹⁷, em base à saudação que o acompanha: *pax tibi*¹⁸. Todavia muito cedo surgem dúvidas sobre o uso ilimitado do beijo na liturgia, dadas as suspeitas por parte dos não cristãos e dos perigos de aberrações eróticas, visto que se beijava na boca sem distinção de sexos¹⁹. Por estas razões, do III século em diante, no momento do beijo da paz, se separavam os sexos²⁰ e posteriormente também o clero dos leigos.

Um beijo ritual tinha lugar não só na eucaristia, mas também em outros contextos litúrgicos. Na liturgia batismal oriental o beijo aparece em dois momentos: quando o bispo beija individualmente cada batizado, para comunicar a redenção divina e admitir na comunidade e quando os recém-batizados são recebidos pelos irmãos da comunidade em sinal de acolhida e de comunicação da participação na força da graça e de paz²¹.

Outros testemunhos relatam o beijo durante a consagração de um bispo²², ou de sacerdotes e diáconos, e durante o ato do noivado²³. O Pseudo Dionísio Areopagita fala também do beijo por ocasião do enterro dos mortos²⁴. Esse beijo, bem como o uso de oferecer a eucaristia ao falecido, foi banido pelo concílio de Hipona de 393, confirmado pelo concílio de Cartago de 397²⁵ e pelo sínodo de Auxerre de 585²⁶.

Do VII/VIII séculos em diante na liturgia romana foi adicionado um grande número de beijos rituais; especialmente os objetos eram muitas vezes beijados: a patena, o cálice, o corporal e a hóstia consagrada, o anel do bispo; a pequena tábua em forma de quadro intitulada “*pax*” ou “*instrumentum pax*”; mas também as pessoas: as mãos, o joelho do bispo, o manípulo, o peito do papa; a mão daquele que distribui a comunhão, o ombro do bispo, os ombros do celebrante durante a ostensão do hóstia consagrada, o pé etc. Antes da missa, durante a paramentação, beijavam-se todos os paramentos enquanto se pronunciavam orações. Muitos beijos foram conservados no *Ordo* da reforma litúrgica tridentina.

¹⁵ Cfr.: GREGORIUS MAGNUS, *Registrum Epistularum Libri VIII-XIV. Appendix*, ed. D. Norberg, Brepols, Turnholti 1982, 587.

¹⁶ R. CABIÉ, *La lettre du pape Innocent I^{er} à Décentius de Gubbio*, Bibliothèque de l'Université, Louvain 1973, 20-22; *I canoni dei Concili della Chiesa antica*, II, *I concili latini*, ed. C. Noce – C. Dell’Osso – D. Ceccarelli Morolli, IPA, Roma 2008, 146-147.

¹⁷ Cf. *I canoni dei Concili della Chiesa antica*, I, *I concili greci*, ed. C. Noce – C. Dell’Osso – D. Ceccarelli Morolli, Istituto Patristicum Augustinianum, Roma 2006, 340-341.

¹⁸ Cf. P. DE CLERCK, «Le geste de paix: usage et significations», in ed. A. M. Triacca – A. Pistoia, *Liturgie et charité fraternelle*, 77-112.

¹⁹ Cf. G. DI NAPOLI, «Pacis concludentis signaculo. Lo scambio del bacio di pace nella liturgia eucaristica tra limitazione e ri-significazione», *RL* 97 (2010) 500-504.

²⁰ Cf. *Les Constitutions Apostoliques* II,57,17, ed. M. Metzger (SCh 320/I), Cerf, Paris 1985, 319; HIPPOLYTUS ROMANUS, *La Tradition Apostolique*, 21 (SCh 11bis), 81.

²¹ ORIGENE, *Commentaire sur l'épître aux romains*, t. IV, livres IX-X, ed. C. P. Hammond Bammel – M. Fédou – L. Brésard, Cerf, Paris 2012, 406-407.

²² HIPPOLYTUS ROMANUS, *La Tradition Apostolique*, 24, (SC 11bis) 99; *Les Constitutions Apostoliques*, VIII, 5, 9, ed. M. Metzger (SCh 336/III) Cerf, Paris 1987, 149.

²³ TERTULIANUS, *De virginis velatio*, 11, ed. E. Dekkers (CCL 2), Brepols, Turnholti 1954, 1220-1221.

²⁴ DIONYSIUS AREOPAGITA, «De ecclesiastica hierarchia» VII, 2, p. 77-78.

²⁵ Cf. *Incipit Brevi Statutorum* IVa, in *I canoni della chiesa antica*, II, *I canoni Latini*, 4 *I concili africani*, ed. G. Pilara, IPA, Roma 2014, 68.

²⁶ Citado em CAROLO DUFRENSNE, *Glossarium ad scriptores mediae et infimae latinitatis*, IV, opera et studio Monachorum Ordinis S. Benedicti è Congregatione S. Mauri, Parisiis 1733, 1402.

Desaparecido o código verbal, com a missa dita *submissa voce*, fez-se um forte investimento no aspecto gestual-visivo, de modo que os gestos do sacerdote foram enriquecidos abundantemente e estreitamente regulados pelas inúmeras rubricas.

Os *Ordines* da reforma vaticana mantiveram apenas o beijo dos objetos no Ordinário da Missa²⁷. Apenas dois objetos são venerados com o beijo, o altar e o Evangelho (IGMR 273): “Conforme uso consagrado, a veneração do altar e do Evangeliário é feita pelo ósculo”.

O beijo ao altar

O beijo é uma segunda forma de saudação ao altar. Nos ritos introdutórios da missa e de outras celebrações coloca-se imediatamente depois da inclinação, que é a primeira forma, e nos ritos finais antes desta. O caráter desse gesto é de veneração, e é destinado a expressar um caráter religioso e cultural. É um gesto de veneração e de afeto respeitoso para com um símbolo consagrado pela presença de Deus, de Cristo e da Igreja celeste.

O beijo ao altar na antiguidade e na Idade Média

Nos primeiros quatro séculos do cristianismo não temos notícias de nenhuma forma de veneração do altar. Parece que os ritos iniciais da missa consistiam simplesmente na entrada do sacerdote que se dirigia ao altar e numa breve saudação ao povo reunido, como atesta Santo Agostinho²⁸.

No final do século IV a saudação ao altar por meio de um beijo começa a constituir um costume cristão popular. Somente no curso da Alta Idade Média (V-VI séculos) são enriquecidos de elementos os ritos iniciais da missa, incluindo a saudação e a veneração do altar. O beijo significava simplesmente uma saudação de veneração à *mensa Domini*, mas, mais tarde, foi ampliado o significado do conceito de que ele [o altar], construído em pedra, representava o próprio Cristo, a pedra angular, a pedra espiritual, de modo que este beijo poderia ser referido desde então também a Ele.

O beijo como saudação e sinal de veneração ao início da missa ao lugar onde se deve cumprir o sagrado mistério, é atestado pela primeira vez pelo *Ordo Romanus* I,51, um *Ordo* tipicamente romano da missa papal redigido entre 700-750. O *Ordo Romanus* V,19 de tipo romano-franco redigido entre 850-900, atesta que também os presbíteros e os diáconos de dois em dois sobem ao altar e o beijam nos ângulos. O *Ordo Romanus* IX,9 primeiro ritual da missa episcopal (franco) redigido entre 880-900, registra que o bispo e todos os diáconos que o assistiam beijavam o altar. O *Ordo Romanus* X,18 segundo ritual da missa episcopal em uma catedral servida por canônicos regulares, talvez compilado em Mainz entre 900-950, registra que o bispo beija o lado direito do altar.

Deste primeiro beijo ao altar encontramos testemunhos também em outros *Ordines* que regulavam outras celebrações litúrgicas. O *Ordo Romanus* XXXB,30.38 que continha as disposições dos ofícios da quinta-feira santa ao sábado da semana pós-pascal e se configurava como uma compilação dos *Ordines* XII (França antes de 850), XXVII (países

²⁷ O beijo direcionado a pessoas, o beijo da paz, aparece unicamente na liturgia episcopal nas seguintes ocasiões: Em todas as missas depois do *Offerte vobis pacem* (CE 99-103); na Ordenação Episcopal (CE 950), Presbiteral (CE 538) e Diaconal (CE 513); na Bênção Abacial (CE 688); na Consagração das Virgens (PR 70b) e no Rito da Profissão Religiosa (RR 70b e 77b).

²⁸ AUGUSTINUS HIPONENSIS, *De Civitate Dei*, XXII, 8 V, ed. B. Dombart – A. Kalb (CCL 48), Brepols, Turnholt 1955, 826.

francos entre 750-800) e XXXA (Flandre entre 750-800), se refere a esse beijo no contexto da celebração da Sexta-Feira Santa e da vigília pascal.

Um segundo beijo ao altar durante a celebração da eucaristia é registrado pelo *Ordo Romanus* IV,106-108 um *Ordo* romano-franco da missa papal, redigido entre 850-900. Ao *Pax Domini*, antes de dar a paz ao diácono e ao subdiácono, beijava-se o altar. O *Ordo Romanus* IX,42 registra ainda um terceiro momento no qual o altar era beijado. Os presbíteros na missa episcopal franca quando se aproximavam do altar para comungar beijavam-no

Desde o início da Idade Média, com a intensificação do culto dirigido aos mártires, tornou-se quase uma regra que cada igreja tivesse seu próprio túmulo dos mártires e que cada altar devesse incluir um (o altar foi entendido como um relicário), de modo que o beijo ao altar se tornou também uma forma de saudação aos mártires, e, conseqüentemente, a Igreja triunfante²⁹.

Até o século XII, seguindo a tradição, beijava-se o altar apenas no aproximar-se e no distanciar-se dele³⁰. Do fim do século XIII em diante, o altar passou a ser beijado todas as vezes que o sacerdote lhe virasse as costas.

O beijo ao altar no Missal Romano de 1570

Os inúmeros beijos do altar adicionados na liturgia da missa na Idade Média encontraram sua fixação definitiva com o missal tridentino de Pio V de 1570.

A “quadratura inicial” da missa Tridentina é realizada em duas fases: as orações do sacerdote aos pés do altar e os ritos do altar, que reproduzem os elementos mais antigos do Rito de Introdução. O dinamismo estrutural da parte propriamente introdutiva – subida ao altar, beijo ao altar, sinal da cruz, introito, Kyrie, glória (quando previsto), saudação, oração – revela uma certa linearidade de procedimento e um bom equilíbrio entre as partes.

Nesse quadro inicial, o sacerdote beijava o altar duas vezes. A primeira vez antes do introito, em referência explícita às relíquias de santos, colocados sob a mesa do altar. O *Ordo* previa que terminadas as orações aos pés do altar o sacerdote *ascendens ad altare*, dizia *submissa voce* a oração *Aufer a nobis, quæsumus, Domine ...*, com as mãos juntas sobre o altar reza dizendo: *Oramus te, Domine, per mérita Sanctorum tuorum* e beijava o altar *in medio* depois das palavras *per mérita Sanctorum tuorum*, enquanto referia-se às *reliquiae* presentes naquele altar. Neste caso, há uma oração que justifica o gesto feito.

A segunda vez o sacerdote beijava o altar no final do Glória, antes da saudação *Dominus Vobiscum versus ad populum*. A concentração sobre o elemento altar, no seu duplo significado, cristológico (sinal de Cristo) e eclesiológico (referindo-se à Igreja dos santos), tem uma certa dimensão misteriosa; no entanto, de acordo com a lógica do *Ordo* pós-tridentino, a reduplicação não parece particularmente significativa.

Durante os ritos do *Offertorium* o altar era beijado duas vezes (terceira e quarta vez): imediatamente depois do Símbolo e antes de girar-se *versus ad populum* para o *Dominus vobiscum* e antes do *Orate fratres*.

Logo no início do *Canon Missæ*, imediatamente depois do *Te igitur*, beijava-se o altar pela quinta vez e a sexta vez depois da consagração ao *Súplices te rogâmus*. Em seguida, antes do *pax tecum* beija-se o altar pela sétima vez, exceto na missa pelos defuntos, na qual não tinha a saudação da paz. A oitava vez depois da *Antiphona ad Communionem* e antes do *Dominus vobiscum* ao qual sucedia imediatamente o *Ite missa est*, ou o

²⁹ Cfr.: P. JOUNEL, «Le culte des reliques», *Not* 25 (1989) 212-222.

³⁰ Inocêncio III fala de três beijos (INNOCENTIUS III, *Il sacrosanto mistero*, III, 11, p. XX) e Guilherme Durando de nove (GUILLELMUS DURANTI, *Rationale divinatorum officiorum*, IV, XXXIX, 6, p. 434).

Benedicamus Domino ou o *Requiescant in pace* que se diz na missa para os defuntos. O último beijo seguia a secreta *Pláceat tibi, sancta Trinitas*, feita depois do *Ite missa est* e antes da bênção:

O beijo ao altar na liturgia do Concílio Vaticano II

Também no novo Ordinário da Missa a veneração do altar com o beijo continua um elemento central da gestualidade do sacerdote (bispo e presbítero) presidente da eucaristia, do diácono e, nas missas concelebradas, dos concelebrantes, estes últimos somente no início da celebração. Tal veneração se dá praticamente como conclusão do ingresso processional em todas as formas de missa e no final da celebração depois da bênção e despedida da assembleia.

A veneração do altar com um beijo no início da missa insere-se dentro de um preciso contexto celebrativo descrito pelo Ordinário da Missa. Ao beijo ao altar depois da bênção e da despedida da assembleia o mesmo Ordinário da Missa refere-se da seguinte forma: “Então o sacerdote beija o altar em sinal de veneração, como no início” (OM 145)

Coerentemente com o novo Rito de Dedicção da Igreja não existe mais uma referência às relíquias dos santos eventualmente colocadas sob a mesa do altar, por isso o valor do gesto é todo contido na saudação Àquele do qual o altar é símbolo. Este beijo manifesta a adesão dos ministros e da Igreja a tudo o que será colocado em ato sobre o altar e a sua comunhão com o mistério revelado e realizado de uma vez por todas no sacrifício de Cristo.

O silêncio absoluto acerca das relíquias dos santos e a sua veneração, se por um lado permitiu evidenciar a dimensão cristológica do altar e de todo o Rito de Introdução, por outro lado subtraiu a percepção da totalidade do mistério da Igreja, como *communio sanctorum*, terrestre e celeste e não somente manifestada na congregação daquele momento.

Efetivamente, do ponto de vista operacional, o objeto da veneração é o altar concebido como a mesa para o desenrolar do banquete eucarístico. Um móvel, se poderia dizer, na grande sala de escuta e lugar de alimentação que é a igreja³¹. O altar tem duas concepções: é o lugar do sacrifício e ao mesmo tempo do banquete; é mesa, onde se alimenta e este alimentar-se é o veículo que leva o homem a cruzar o limiar do encontro e da comunhão com Deus.

Altare Christus est

De fato, todo alimento que deriva do altar significa e reforça a comunhão da comunidade com a divindade. Verdadeiramente

Esse contexto cultural e religioso das funções do altar reage positivamente à mesa sobre a qual Cristo colocou o pão e o cálice de vinho, símbolos de seu corpo e sangue, oferecidos como dádiva sacrificial ao Pai no poder do Espírito e distribuídos aos discípulos para que comessem. Era óbvio que a repetição ritual daquele ato convivial, interpretado sacrificialmente, também envolvia a mesa em seu significado, fazendo-a ser considerada um altar³².

No sentido original da palavra, adoração significa colocar mão na boca (*ad os*) para mandar um beijo a alguém, portanto, é claro que este gesto simbólico terno e reverente,

³¹ L. DELLA TORRE, «Il bacio all'altare», *RPL* 28 (1990) 3.

³² L. DELLA TORRE, «Il bacio all'altare», 4.

feito pelo presidente da eucaristia, o diácono e os concelebrantes e, conseqüentemente, toda a Igreja, é um ato genuíno de adoração direcionado à pessoa de Cristo, o Verbo que se faz alimento sobre o altar.

De fato, a saudação é um desejo e uma satisfação, e ao saudar o altar não lhe dirigimos um desejo, mas sim expressamos satisfação pela presença que ele iconiza entre nós; pois, se há um módulo eucarístico em que a função ritual do altar desaparece por trás de sua estrutura simbólica, não é o módulo do ofertório ou da comunhão, mas o da entrada. E o beijo é um sinal de união recíproca, mas no gênero de tal união muitos tipos de reciprocidade são implementados, do abraço físico ao contato psicológico, do encontro amigável à conveniência social, da relação direta à relação imaginativa, toda uma tipologia tanto da reciprocidade unitiva quanto do beijo que a significa; e a reciprocidade que o sacerdote e o diácono, ministerialmente, implementam com o altar é uma união de identificação, cada um da assembleia a seu modo, com o exercício pontifício do Salvador³³.

³³ C. VALENZIANO, *L'anello della sposa*, 88.